



GOTA D'ÁGUA E AS MILÍCIAS: AS RELAÇÕES DE PODER

Laís de Paiva Gonçalves (UFAL)
E-mail: laispavag@gmail.com

GT2: POLÍTICAS E ESTÉTICAS DAS ARTES

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de analisar através das atitudes de algumas personagens da obra Gota D'água escrita por Chico Buarque e Paulo Pontes (1975), baseado na tragédia grega Medeia de Eurípidés (431 a.C.), o poder político que existe dentro de comunidades periféricas através do abuso de poder das milícias. Traçando conexões do texto escrito em 1975 com o nosso cenário atual, onde existe uma ligação ideológica de determinados grupos políticos que facilitam o acesso das milícias com a condição de se manter no poder perpetuando atitudes totalmente antidemocráticas.

Palavras-chave: Poder. Milícia. Abuso. Política.

Em Medeia, de Eurípidés, as personagens tinham que lidar com o destino que já havia sido feito pelos deuses gregos. Já em Gota D'água, de Chico Buarque e Paulo Pontes, o homem constrói o seu destino através de suas escolhas, essa observação nos ajuda a distanciar a condenação pelos deuses com as consequências reais da vida humana. Chico Buarque tem a característica de mergulhar nos problemas sociais do Brasil e isso fica bem explícito dentro do texto, mas escolhi para este artigo traçar as relações de poder existentes na peça com o cenário atual, através das milícias que dominam as comunidades periféricas no Rio de Janeiro. Importante lembrar que no período em que a peça foi escrita, no ano de 1975, as milícias ainda não existiam. Os primeiros relatos deste abuso de poder por policiais militares e agentes de segurança pública acontecem no período da Ditadura (1964-1985) mas se fortalece nos inícios dos anos 2000.



Creonte é o personagem que transmite seu poder dentro de uma comunidade pobre, onde as demais personagens têm que lhe pagar uma mensalidade eterna de suas casas, uma metáfora com os juros abusivos que o Banco Nacional de Habilitação praticou naquele período com o financiamento da casa própria, que é o sonho da maior parte da população. As personagens ainda precisam ser gratas por Creonte permitir esse pagamento de forma parcelada e sem fim. Dessa forma, ele vai enriquecendo enquanto os demais passam por dificuldades.

As milícias são detentoras de todo o poder nas comunidades, conseguindo formar uma estrutura econômica através da extorsão de comerciantes locais e moradores, percebendo o lucro financeiro começaram a expandir os imóveis irregulares e vendem a preço abaixo do mercado. O que acaba levando as pessoas que não tem condição financeira elevada, adquirir o imóvel irregular da milícia, que por sua vez promete segurança à localidade. Além disso, também monopolizam os serviços essenciais como gás, energia e internet. Se consolidaram com o discurso de deixar a comunidade livre do tráfico de drogas, trazendo a segurança a região pois com o domínio do tráfico sempre tinham as disputas por ponto de venda de drogas, no início foi um discurso atrativo por tirarem o tráfico, mas agora a situação é outra, a própria milícia também disputa pontos de vendas de drogas por perceberem o lucro financeiro.

No texto, Joana precisa deixar a sua casa que pagou com seu próprio dinheiro; pois, Creonte, que tinha todo o poder político dentro daquela comunidade, não aceitaria mais a ex-mulher de seu atual genro, o Jasão, morando no mesmo ambiente que sua filha e o futuro marido. Percebe-se também um preconceito religioso por não aceitar o culto de uma religião matriz africana dentro daquele território, que era de seu domínio. Assim como acontece na vida de diversas pessoas no plano real, que precisam deixar a sua casa por conta do grupo político dominante não aceitar determinadas situações, utilizando da violência para impor respeito. E muitas delas deixam seu próprio lar ou aceitam todo esse abuso por não ter como se manter em outro local.



É o retrato do nosso cenário atual de crise econômica, no qual as pessoas são obrigadas a pagar mais caro para utilizar o que o grupo da milícia disponibiliza nas comunidades, tendo também que pagar uma taxa abusiva para não ter o seu próprio lar quebrado, assim como acontece com os moradores no texto, que pagam uma mensalidade interminável, com juros sobre juros, para quitar seu imóvel.

A arte tem esse papel de divertir, mas também de informar e para que a arte seja arte, ela também precisa ser política como afirma Rancière, Jacques em ‘Será que a arte resiste a alguma coisa?’

Através do jogo da metáfora, verifica-se que a fossa entre o presente da obra e o futuro do povo é um laço constitutivo. O trabalho da arte não é somente “em vista” de um povo. Este povo pertence à própria definição da “resistência” da arte, isto é, da união dos contrários que a define ao mesmo tempo como enlace dos lutadores fixados em monumento e como monumento em devir e em luta. A resistência da obra não é o socorro que a arte presta à política. Ela não é a imitação ou antecipação da política pela arte, mas propriamente a identidade de ambas. A arte é política. Tal é a tese deleuziana fundamentalmente expressa nesta passagem.

Ao refletirmos sobre o período histórico em que a peça foi escrita, é perceptível as metáforas utilizadas pelos autores na construção textual, que além do discurso político também tem seus versos rimados e as composições musicais com a melodia de samba. Trazendo esse texto para o cenário atual, conseguimos traçar novas conexões, mesmo com um cenário político diferente a arte continua sendo capaz de mostrar a sua resistência, seja com relação ao tempo ou até mesmo ao assunto abordado, que sempre se renova e vem sendo potente no seu discurso. Ao resistir, a arte se opõe às ordens das coisas, seja em questões comerciais ou políticas. Sabemos bem que a arte tem o poder de dar voz aos oprimidos e silenciados, o que muitas vezes acaba desagradando os detentores das dominações e explorações em vigor.

Gota D’água traz uma cena emblemática ao colocar Creonte ensinando para Jasão como se deve sentar na cadeira. Essa ocorrência simula situações de poder, pois,



aquela cadeira é o seu trono, demonstrando com a metáfora da cadeira está situada no cume da decisão (porque dali decide o destino das pessoas de onde Jasão saiu). Creonte até convida Jasão para sentar-se ali no seu trono, começando a refletir nas decisões que terá que tomar agora que vai fazer parte da família ao se casar com sua filha. Nesse momento, Jasão tem a oportunidade de experimentar o conforto do poder propiciado através desta exploração da comunidade da qual ele se originou e tem sua lealdade questionada, Creonte deixa bem claro que Jasão precisará provar que merece aquele trono porque de Samba não dá para viver. É nesse momento que Jasão se vende para Creonte, que o ironiza chamando-o de Noel Rosa. A personagem de Creonte é utilizada para demonstrar o que a classe dominante faz, obtendo vantagem em qualquer situação.

Abro aqui um parêntese para observarmos o crescimento que as milícias têm dentro das comunidades no Rio de Janeiro, segundo o último levantamento nomeado de Mapa dos Grupos Armados do Rio de Janeiro, a milícia domina 58,6% das áreas da cidade no ano de 2019. Ao contrário das áreas comandadas pelo tráfico, que segundo o levantamento representa 15,4% da expansão territorial. E 25,2% representam áreas em disputa por esses grupos criminosos. Em duas décadas, o crescimento das milícias superou as facções criminosas existentes há anos. A que se deve esse crescimento tão rápido? A resposta está nas conexões políticas existentes, eles têm capacidade de se infiltrar nas áreas de poder, de sentarem literalmente nas cadeiras que comandam o destino da cidade. Aqui me utilizo da metáfora colocada na cena de Creonte, quem tem acesso a esta cadeira, tem o controle daquela região. Dessa forma acontece no plano real, onde milicianos e seus apoiadores têm acesso às cadeiras parlamentares. Isso acontece há vários anos, onde deputados eleitos nomeiam milicianos e seus familiares em cargos públicos.



Figura 1 – Foto: Disque-Denúncia (Elaboração Fogo Cruzado, GENI-UFF, NEV-USP, Pista News) /Reprodução

Outra situação de Gota D'água que devemos analisar aqui é o debate em cena em que Jasão discursa sobre o trabalhador que acorda cedo para pegar o trem que sempre atrasa, come mal, depois sofre para voltar até a sua casa com o trem lotado, que está sempre atrasado e tem que repetir isso todos os dias. Trazendo uma má qualidade de vida a grande massa trabalhadora, a mesma que sonha com sua casa própria, com a segurança no seu bairro e não perde a esperança de um futuro melhor, mas que também se cansa de tanto descaso que a sociedade enfrenta diariamente para sobreviver e muito mal consegue pagar as suas contas.

Creonte, por sua vez, faz questão de ressaltar o estereótipo de que o brasileiro é vagabundo, que não pode ter um atraso no transporte que já quer vandalizar, malandro, que só quer se dar bem e não paga as suas dívidas em dia.

No texto, boa parte dos moradores estão com as parcelas atrasadas das casas justamente pelas parcelas nunca terem um fim, o sonho da casa própria se tornando uma dor de cabeça. Nas áreas que são comandadas por milícias, mesmo os moradores tendo



suas casas e comércio antes da milícia se instalar e tomar conta daquela região, precisam pagar uma taxa mensal com o viés de que estão pagando pela sua segurança, mas na prática não é exatamente isso que acontece. Os moradores são tomados pelo medo de perderem aquilo que tanto lutaram para conquistar, um ciclo que se repete no plano real. Só podem utilizar os serviços essenciais que são disponibilizados pela milícia como gás, internet, tv a cabo, energia e agora também estão controlando os transportes clandestinos de algumas regiões dessa forma interferindo no transporte coletivo. Sabemos também que grande parte da população periférica é preta, o que agrava ainda mais a violência pois são colocados no estereótipo de que preto e pobre é ladrão, malandro, só quer se dar bem.

O intuito deste artigo é nos levar a refletir como o mal uso do poder leva uma população à exploração, mas não tem como analisar isso sem levar em consideração o perfil da sociedade que sempre foi e continua sendo oprimida, a comunidade negra.

Enquanto escrevo este artigo, me deparei com uma notícia que me levou a refletir como o poder é perigoso quando o grupo dominante só pensa no seu próprio benefício neste capitalismo crescente. Em algumas comunidades da Zona Oeste do Rio de Janeiro, como Muzema, Rio das Pedras e Tijuquinha a milícia começou a cobrar uma taxa de 12 a 15 notas nos caminhões que abastecem os comércios locais com alimentos e bebidas. Se não pagar essa taxa, o caminhão não entra para abastecer o comércio, resultando nas geladeiras e prateleiras dos comércios mais vazias, os preços dos produtos aumentando, seja pela falta de produtos ou pela taxa abusiva. A cada dia que passa a população fica mais aterrorizada enquanto o Estado não faz nada.

No texto, Jasão entra no jogo de Creonte pois ele detém o poder e coloca as regras a serem seguidas. Todas as personagens são induzidas a obedecerem às regras colocadas por Creonte, quando em uma cena tentam se posicionar contra as taxas abusivas, são facilmente enganadas por falsas promessas. Quem continua sendo explorado é a própria população. Por que o Estado fecha os olhos para essa realidade tão



cruel? O que mata não é somente o fogo cruzado de armas da guerra entre Tráfico/Milícia/Estado, mas a fome e o descaso que praticam com moradores que trabalham arduamente para manter sua família.

Joana faz tudo por seus filhos, em uma cena diz a seguinte frase para Jasão: "Ser pai é muito mais do que isso". Essa fala nos remete a uma situação tão presente, a mãe solteira que faz tudo para sustentar os seus filhos para além do alimento mas também do cuidado e amor diário, da presença quando realmente precisa. O símbolo de uma mulher independente tomada pelo desgosto com a vida por se sentir abandonada e traída pelo homem que ama. Quantos moradores se sentem abandonados pelo Estado?

Creonte, não aceitando mais Joana no território que é de seu domínio, pede que Jasão expulse sua ex-mulher de lá, afinal, ele vai se casar com sua filha e teme que Joana faça suas "feitiçarias" (isso que Creonte acredita) contra o casal. Joana é de religião de matriz africana, faz questão de expor seu culto aos santos, não teme a intolerância religiosa de quem tem o poder local. Depois de uma cena em que Joana faz seu culto ao ar livre, Creonte vai com a polícia expulsá-la do bairro, determinado a quebrar sua casa. Foi exatamente nessa cena que minhas lembranças vividas nas comunidades da qual cresci e trabalhei vieram à tona. A polícia ao lado daquele que explora a população, que usufrui do dinheiro de parcelas intermináveis, que decide quem mora e quem vai embora.

Como sabemos, a milícia é composta por policiais, estando ou não na ativa, funcionários da segurança pública, que deveriam proteger a população da violência, mas se aproveitaram da fragilidade dos pobres para inserir suas regras de poder. Quantas pessoas já foram expulsas de suas casas ou então tiveram que abandonar por medo do que a milícia seria capaz de fazer? Apesar de usarem da violência como as facções criminosas, as milícias têm o apoio de alguns moradores e até de parlamentares por se utilizarem do discurso de que só se combate a violência com violência. Uma



justificativa para as execuções que são realizadas dentro das comunidades sobre os seus domínios. Com esse tipo de discurso, os crimes de ódio vêm aumentando cada vez mais.

Para continuar vivendo no local ao qual pertencemos, somos apresentados a três situações dentro do texto. A primeira que destaco é aquela da maior parte das personagens como Xulé, Corina e Zaíra, que apesar de não concordarem com as práticas abusivas de Creonte, pagam as taxas abusivas para não perderem o seu lar. A segunda é Jasão, que se alia ao Creonte, e demonstra que o valor dele para o detentor do poder é ser do povo, entender e conhecer os melhores caminhos e, como isso, pode ser usado para enganar pessoas com falsas promessas. A terceira situação é a de Joana, que acaba sendo expulsa de sua própria casa, ameaçada de ter tudo quebrado caso não abandonasse seu lar, ao qual pagou com tanto esforço e trabalho. Confesso que conheço pessoas reais nessas três situações, somos levados a viver sobre esse abuso, se aliar a ele ou deixar tudo o que já foi conquistado.

No plano da arte, o ambiente ao qual temos a liberdade de expressar a nossa resistência de forma cênica, levando quem assiste para além de se divertir, mas também analisar os níveis de comportamento do ser humano, não devemos deixar de incomodar, de penetrar nas diversas camadas da sociedade. A arte tem esse papel de dar voz aos silenciados. Quando o texto de Gota D'água foi escrito, a realidade do Brasil era outra e mesmo várias décadas se passando, o texto permanece atual. Não devemos deixar a nossa consciência artística e o protesto político separados, a resistência nasce justamente dessa junção que se reinventa de acordo com o seu tempo e se alimenta dessa tensão existente. A intenção de Chico Buarque e Paulo Pontes com esse texto nasce dessa percepção de expor através de um espetáculo musical, rico em melodias e versos rimados, as camadas do comportamento humano, levando o público a se entreter, mas a questionar suas próprias atitudes e principalmente as atitudes dos detentores de poder. Não foi por acaso que o ambiente escolhido para esta peça foi o Rio de Janeiro, local da



boêmia, que estava ascendendo a malandragem através do samba e das religiões de matrizes africanas como a umbanda e o candomblé.

A população que sofre a opressão, que pega trem lotado, que come mal, que demora para chegar em casa e depois tudo termina em arte, através de composições de Samba onde retrata sua realidade. Não é à toa que esse ritmo sofreu perseguições e foi marginalizado, como sabemos o que se origina da população negra não tem valor para a classe dominante. O mesmo acontece hoje com o Funk, por ter predominância dentro das comunidades periféricas sofre perseguições pois retrata a realidade do que acontece dentro da favela. E o poder de transmitir nossa resistência através da arte, isso ninguém pode nos tirar.

REFERÊNCIAS

A MARGINALIZAÇÃO DO SAMBA. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/ai-ai-ai-cem-anos-o-samba-faz/a-marginalizacao-do-samba/>. Acesso em: 21 set. 2021.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. **Gota d'água**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.

RANCIÈRE, Jacques. Será que a arte resiste a alguma coisa? Tradução de Mônica Costa Netto. **In: LINS, Daniel (org.). Nietzsche-Deleuze. Arte e Resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007.

STARLLES, Wender. **Milícias: sua origem e ascensão como poder paralelo no Brasil**. Guia do Estudante. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/milicias-sua-origem-e-ascensao-como-poder-paralelo-no-brasil/amp/> . Acesso em: 20 set. 2021.